

Entre filosofia e não-filosofia: a obra de Paul Ricoeur sob o olhar de Domenico Jervolino

Between philosophy and non-philosophy: Paul Ricoeur's work under the view of Domenico Jervolino

Resumo

O presente artigo é uma apresentação ao texto Discurso Filosófico e Existência em Ricoeur: Filosofar após Kierkegaard de Domenico Jervolino que tivemos a honra de trazer ao português. Para isso, dividimos nossa escrita em três partes. A primeira reflete sobre a recepção do pensamento de Paul Ricoeur no Brasil, em especial, com a tradução/interpretação de Hilton Japiassu. Em seguida, analisamos alguns aspectos da obra de Domenico Jervolino e o horizonte interpretativo que ela deixou para a reflexão do pensamento ricoeuriano. Por fim, buscamos pensar qual é o lugar que o texto que traduzimos ocupa, tanto no contexto da obra de Jervolino, quanto no contexto da nossa tradição sobre o pensamento de Paul Ricoeur.

Palavras-chave: Paul Ricoeur; Domenico Jervolino; Tradição Hermenêutica no Brasil.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: thiago-luiz-sousa@hotmail.com

** Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Contato: lucianovicentesa@gmail.com

Recebido em: 19/09/2020 - Aceito em: 20/12/2020

Abstract

This paper is an introduction to Domenico Jervolino's Discurso Filosófico e Existência em Ricoeur: Filosofar após Kierkegaard that we have translated to Portuguese. The paper is divided into three main sections: firstly, we reflect upon the reception of Paul Ricoeur's thought in Brazil, especially with the translation by/ interpretation of Hilton Japiassu; secondly, we analyze some aspects of Domenico Jervolino's work and the interpretive horizon that it left for the reflection upon of Ricoeurian thought; finally, we seek to think about the place that Discurso Filosófico e Existência em Ricoeur: Filosofar após Kierkegaard occupies in Jervolino's work and in the context of Brazilian tradition on Ricoeur's thought.

Keywords: Paul Ricoeur; Domenico Jervolino; Hermeneutic Tradition in Brazil;

Introdução

O texto de Domenico Jervolino, que na sequência traduzimos para o português, é um artigo publicado em 2011, na obra *O Legado de Ricoeur*, organizada por Ruth Rieth Leonhardt e Elsie José Corá e publicada pela editora Unicentro, sob o título *Discurso filosófico ed esistenza in Ricoeur: filosofare dopo Kierkegaard*. Agradecemos aos organizadores e à editora de tal obra, em especial a Renata Daletese, que permitiram a realização de nosso trabalho.

O legado de Ricoeur é uma das mais importantes obras sobre o pensamento de Paul Ricoeur editadas no Brasil, pois reúne em um só livro 14 pesquisadores de diferentes nações, como Marcelino Agis de Villaverde, da Espanha; Patricia Mena, do Chile; Gaëlle Fiasse, do Canadá; Noeli Dutra Rossatto e José Batista Botton, do Brasil, etc., que analisam criticamente uma mesma temática, o percurso filosófico de Ricoeur. Ora, tal temática é cara a toda obra de Jervolino e sua contribuição para este livro é um dos seus últimos textos sobre tal assunto. Sendo assim, *Discurso filosófico e existência em Ricoeur: filosofar após Kierkegaard*, o artigo de Jervolino presente em *O Legado de Ricoeur*, se insere em um triplo contexto: (i) da proposta da obra, que se compõe de diversas análises, feitas em diversos países, sobre a filosofia de Ricoeur; (ii) da obra de Jervolino, na qual é retomada em termos críticos uma análise que esteve presente desde os seus primeiros escritos; (iii) dos leitores “privilegiados”, no

caso, os brasileiros. Sendo assim, uma das grandes questões que se impõe é aquela que perpassa a presente apresentação, a contribuição da obra de Jervolino, em especial o texto que traduzimos, para a pesquisa brasileira, feita em português, que possui uma tradição bem estabelecida, guiada, entre outras coisas, pela tradução/interpretação de Hilton Japiassu.

Sobre a recepção de Paul Ricoeur no Brasil

Como observa Jeanne-Marie Gagnebin, ao comentar a recepção da filosofia de Paul Ricoeur no Brasil, dois fatores favorecem a recepção de um autor em nosso país: (i) as traduções disponíveis de seus textos; (ii) as “modas” intelectuais que acontecem lá fora, nos países que são epicentros da filosofia, como Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha¹. Se, por um lado, nos anos 70, na França, o que estava em moda era a discussão sobre o estruturalismo e, neste cenário, Paul Ricoeur era considerado, como observa François Dosse, um “caduco”²; por outro lado, em outros países, aquela “caduquice” servia para o enfrentamento de outros problemas, como aqueles de ordem ideológica que mantinham a ditadura nesta época aqui no Brasil. Sendo assim, a recepção do pensamento de Ricoeur, um filósofo relegado às fronteiras, aqui no Brasil é exemplar, já que o recurso a tal estrangeiro não foi feito para compreender e solucionar os problemas de lá fora, mas os daqui de dentro. Prova disso está em um dos relatos de Hilton Japiassu, do qual ele conta como surgiu a obra *Interpretação e Ideologias*, publicada em 1977, que contém uma série de artigos traduzidos de Ricoeur, alguns deles inéditos³. O relato é o seguinte:

Trata-se de uma coletânea de textos publicados pelo autor em diversas revistas ou em obras coletivas. De forma alguma tais artigos constituem uma apresentação sistemática do pensamento do autor. Podemos dizer que são exposições condensadas, proferidas em diversas circunstâncias e escritas para responder a preocupações bem determinadas, relativas a um contexto

1 GAGNEBIN, J., *Sobre a recepção da filosofia de Paul Ricoeur no Brasil*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra 2017, p. 231.

2 DOSSE, F., *Paul Ricoeur: Os sentidos de uma vida (1913-2005)*, São Paulo: LiberArs, 2017, p. 405.

3 Assim comenta Gagnebin sobre *Interpretação e Ideologias*: “Japiassu escolhe alguns artigos de Ricoeur e os traduz antes mesmo de sua reunião, pelo autor, em *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*” (GAGNEBIN, J., op. cit., p. 230).

específico. Na origem, não estavam destinadas a serem congregadas. Sua reunião num só volume deveu-se a uma iniciativa de minha parte. Numa conversa que mantive com o Prof. Ricoeur em Paris, no início de 1976, fiz-lhe ver a importância, para o público universitário brasileiro em geral, de um fácil acesso a uma série de textos dando conta da atualidade da questão hermenêutica em confronto com os problemas de ordem ideológica. Ele se mostrou vivamente interessado na “divulgação” desses elementos e instrumentos de reflexão, fornecendo-me imediatamente vários de seus artigos para que os organizasse em um único volume. Após selecionar os textos que me pareceram mais significativos, submeti-os à apreciação do autor, que nada teve a objetar à ordem de apresentação por mim sugerida⁴

Podemos ver, aqui, que Hilton Japiassu compreende algo de fundamental da concepção de hermenêutica de Ricoeur, que “[...] não é a intenção do autor que conta, mas o que os leitores leem”⁵, ou seja, mais importante do que a direção imposta pelo autor, o contexto ao qual ele se dirige, é a direção que seus leitores identificam como destino da obra. Sendo assim, embora os textos de Ricoeur tenham sido escritos em outro contexto, através da tradução e organização de Japiassu, eles ganham um novo contexto, um novo horizonte, uma nova interpretação, ou melhor, uma nova morada⁶. Como podemos notar em *História e Verdade*, segundo Paul Ricoeur, esta apropriação e reorientação de sentido, que se dá por meio da hermenêutica e também da tradução, visto que toda tradução é uma interpretação, é que dá o verdadeiro sentido de existência a uma obra literária, incluindo a obra filosófica: “Em certo sentido, uma obra atinge a verdade de sua existência literária quando morre seu autor; toda publicação, toda edição inaugura a impiedosa relação dos homens vivos com o livro de um homem virtualmente morto”⁷. Sendo assim, o destino do pesquisador de uma filosofia e do tradutor desta filosofia é o mesmo, oferecer novos horizontes para obra filosófica trabalhada e o horizonte deixado por Hilton Japiassu tem como uma das raízes a seguinte interpretação da originalidade filosófica de Paul Ricoeur:

4 JAPIASSU, H., *Apresentação*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p. 9-10.

5 RICOEUR, P., *O único e o singular*, São Paulo: UNESP, 2002, p. 30.

6 Paul Ricoeur denomina isto *hospitalidade linguística* (Cf. RICOEUR, P., *Sobre a Tradução*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 30).

7 RICOEUR, P., *História e Verdade*, Rio de Janeiro: Forense, 1968, p. 135.

A originalidade de Ricoeur está em não fazer filosofia a partir de filosofia. Não reflete a partir de ideias. É um pensamento que recria, que serve do pensamento dos outros como um instrumento. Evidentemente, sua filosofia não constitui uma criação ex nihilo, um círculo que se fecha em si mesmo, porque não pode haver filosofia sem pressuposições. Trata-se de um pensamento que se propõe a adotar um método reflexivo capaz de romper todo e qualquer idealismo⁸.

Diante deste cenário, nós queremos propor a seguinte inquietação enquanto apresentação do texto que traduzimos: em que medida o horizonte de nossa tradução de um dos maiores pesquisadores de Ricoeur se encontra com aquele deixado por Japiassu? Para responder a este questionamento, observemos e, em primeiro lugar, analisemos alguns aspectos da obra de Domenico Jervolino.

Domenico Jervolino e sua obra

Domenico Jervolino (1946-2018) é um importante filósofo e pesquisador de temáticas relacionadas ao pensamento de uma filosofia sem absoluto, à reflexão do destino da subjetividade na contemporaneidade e, daí, à originalidade da obra de Paul Ricoeur. Suas principais obras são:

Il cogito e l'ermeneutica. La questione del soggetto in Ricoeur, Procaccini, Napoli 1984 (Traduzido em inglês por Kluwer, em 1990);

Pierre Thévenaz e la filosofia senza assoluto, Athena, Napoli 1984;

Logica del concreto ed ermeneutica della vita morale. Newman, Blondel, Piovani, Morano, Napoli 1994;

Ricoeur. L'amore difficile, Studium, Roma 1995;

Le parole della prassi. Saggi di ermeneutica, Città del sole, Napoli 1996;

Ricoeur. Une herméneutique de la condition humaine, Ellipses, Paris 2002;

8 JAPIASSU, H, *op. cit.*, p. 1.

Ricoeur. *Herméneutique et traduction*, Ellipses, Paris 2007, sua versão em italiano, *Per una filosofia della traduzione*, Morcelliana, Brescia 2008⁹ 10;

Dois aspectos marcam profundamente sua obra: (i) a reflexão sobre a questão do sujeito sem cair na tentação de um conhecimento autossuficiente, como em Descartes; (ii) a busca por um fio condutor comum na vasta obra do filósofo francês Paul Ricoeur. Neste sentido, a procura por uma chave de leitura da obra de Ricoeur, que em Jervolino se dá a partir da questão do sujeito, é um instrumento para compreender a obra do filósofo francês, mas, sobretudo, revela o coração de uma obra que vai além de Ricoeur, a obra do próprio Jervolino.

Em *The Cogito and Hermeneutics: The Question of the Subject in Ricoeur*, sua primeira grande obra sobre Paul Ricoeur, Domenico Jervolino, seguindo os passos de Vattimo, tem como ponto de arranque o diagnóstico de que a linguagem e a interpretação se tornaram o *lugar* onde toda a filosofia contemporânea se dá e busca refletir. A filosofia nascida em tal solo, a partir de Ricoeur, pode então ser um instrumento para o sujeito repensar a si mesmo. Esta tarefa se faz necessária para que a hermenêutica não seja compreendida apenas como um paradigma que busca apresentar a tradição como se ela fosse fonte de verdades eternas, como, por exemplo, em Gadamer, segundo a crítica de Habermas em *Dialética e Hermenêutica: Para a crítica da hermenêutica em Gadamer*. Mas como se daria uma hermenêutica que não ignora suas raízes, presentes em sua história e sua linguagem, e que, ao mesmo tempo, não seja uma apologia do passado?

Segundo Jervolino, Heidegger deixa um importante princípio para traçarmos um caminho, a saber, que simultaneamente a toda compreensão, o homem já se faz presente. “Toda relação com alguma coisa – querer, ter um ponto de vista, sentir (alguma coisa) – já é uma representação; são *cogitans* que traduzimos como pensamento”¹¹. O que Gadamer não percebe e o que Heidegger não leva adiante, para além da própria filosofia, é que a verdade

9 Tal lista de obras está presente no currículo de Jervolino disponível no site da Universidade de Napoli Federico II: <<<http://www.filosofia.unina.it/materiali/curricula/k-pdf/k-iervolino-1.pdf>>>

10 Infelizmente, destes livros citados, temos acesso apenas a uma tradução em português, a saber, Ricoeur. *Une herméneutique de la condition humaine*, que foi traduzido sob o título *Introdução a Ricoeur*, por José Bartolini, publicado em 2011, pela Paulus.

11 Tradução nossa de: “Every relation to something--willing, taking a point of view, sensing (something)--is already representing; it is *eogitans*, which we translate as ‘thinking’” (JERVOLINO, D., *The Cogito and Hermeneutics: The Question of the Subject in Ricoeur*, Londres: Kluwer Academic Publishers, 1990, p. 6).

não se dá em um caminho oposto ao método, mas necessariamente está sempre articulada com este; quem nos revela isso é a questão do sujeito que está subjacente a todas as questões. Sendo assim, Jervolino vê na obra de Paul Ricoeur um modelo a ser seguido, uma vez que ela está atenta a este princípio e a todas as suas consequências. Porém, isso não está presente de uma maneira tão clara, visto que tal obra não aborda diretamente a questão do sujeito e, até este primeiro trabalho de Jervolino, não oferece uma chave de leitura que buscasse abarcar a sua totalidade e ilustrar esta questão que perpassa toda hermenêutica de Ricoeur. Graças ao diagnóstico do que a hermenêutica deveria se atentar em nosso tempo e uma proposta de resposta vislumbrada na obra ricoeuriana, Jervolino consegue interpretar o papel da obra de Ricoeur, segundo o próprio filósofo francês, melhor do que seu autor.

Ricoeur escreve sobre este primeiro livro: “Já é uma grande sorte encontrar-se a si mesmo compreendido pela leitura de alguém que é ao mesmo tempo exigente e benevolente. Sorte ainda maior, é ser melhor compreendido por outro do que por si mesmo”¹². A justificativa deste elogio está na escolha da temática, o destino da subjetividade como questão fulcral da obra de Ricoeur, e do método que é encontrar a posição de Ricoeur sempre entre dois polos: de um lado, Nietzsche e Heidegger; de outro lado, a semiologia, a psicanálise e a crítica à ideologia¹³. Alguns anos depois, em 1990, Paul Ricoeur apresenta um livro que busca enfrentar o mesmo problema de Jervolino, *O si-mesmo como outro*. Assim o filósofo francês descreve a intenção de tal obra: “Portanto, movendo-me contra a correnteza em relação às minhas preferências consolidadas, eu devia propor uma chave de leitura ao meu auditório. Desse desafio nasceu *Soi-même comme un autre*”¹⁴. O trabalho de Jervolino serve como um *espelho* para Paul Ricoeur, pois, ao se encontrar na obra de outro, o filósofo francês aponta, no *prefácio*, aquilo que ele considera os polos de toda sua obra: Descartes e Nietzsche, um cogito que se põe e um cogito ferido¹⁵.

Embora, com essas obras, saibamos que a questão do destino do sujeito pode ser considerada como subjacente aos quase 800 textos que compõem

12 Tradução nossa de: “It is already a piece of good fortune to find oneself understood by a reader who is at once demanding and benevolent. It is an even greater fortune to be better understood by another than by one’s own self” (RICOEUR, P. *Foreword*, Londres: Kluwer Academic Publishers, 1990, p. XI).

13 Idem.

14 RICOEUR, P., *O meu caminho filosófico*, São Paulo: Paulus, 2011, p. 127-128.

15 Cf. RICOEUR, P., *O si-mesmo como outro*, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, p. XI-XXXIX.

a obra de Paul Ricoeur, temos um duplo problema a ser enfrentado: por um lado, a não repetição temática dos textos, por outro lado, as problemáticas filosóficas revisitadas pelas diferentes temáticas enfrentadas por Ricoeur. Jervolino, em outra obra¹⁶, traça uma dupla resposta para estas questões: primeiro, ele divide a obra ricoeuriana em três paradigmas: (i) do símbolo; (ii) do texto; (iii) da tradução¹⁷. A hipótese por detrás destes paradigmas é de que o pensamento de Ricoeur não é uma filosofia da linguagem, mas se faz através da linguagem. Sobre o símbolo, temos uma obra que se reflete em uma linguagem que sempre se dá por meio de múltiplos sentidos; sobre o texto, uma obra que se reflete em uma linguagem que se comunica sempre através da intersubjetividade; sobre a tradução, uma obra que se reflete em uma linguagem que acolhe o desconhecido, o estrangeiro¹⁸. Se, em todos esses momentos, somos conduzidos por uma só questão, o destino da subjetividade, somos tentados a pensar em uma chave de leitura que desemboca em uma lógica em espiral, onde cada momento é enriquecido pelo outro¹⁹.

Os dois primeiros paradigmas, do símbolo e do texto, segundo Jervolino, já são identificados pelo próprio Ricoeur, por meio das expressões *hermenêutica simbólica* e *hermenêutica textual*²⁰. Coube ao filósofo italiano identificar na reflexão ricoeuriana sobre a tradução um novo paradigma, isto é, uma nova hermenêutica que apreende da linguagem a importância da questão da identidade e sua relação com a alteridade. Apresentar a tradução como paradigma é reconhecer um novo ponto de arranque para compreender a obra de Ricoeur, da mesma maneira que também poderíamos considerar o símbolo e o texto. E é justamente esse horizonte que Jervolino aponta no texto que traduzimos, colocando a problemática do outro, a tensão entre filosofia e não-filosofia, como essencial para a leitura da obra ricoeuriana.

16 JERVOLINO, D. *La Question de l'unité de l'œuvre de Ricoeur à la Lumière de ses Derniers Développements*: Le paradigme de la traduction. Archives de Philosophie, Paris, v. 67, n. 4, p. 659-668, 2004.

17 Adriane da Silva Machado Möbbs, em outro contexto, também apresenta uma reflexão sobre a tese de Jervolino de ler a obra de Paul Ricoeur a partir de três paradigmas (MÖBBS, A. *A medição imperfeita em Paul Ricoeur*, Pelotas: Editora UFPel, 2017, p. 155-159).

18 JERVOLINO, D. *La Question de l'unité de l'œuvre de Ricoeur à la Lumière de ses Derniers Développements*: Le paradigme de la traduction. Archives de Philosophie, Paris, v. 67, n. 4, p. 664, 2004.

19 Ibidem, p. 660.

20 Paul Ricoeur apresenta estas duas expressões em duas conferências, *Hermenêutica e simbolismo, Hermenêutica e mundo do texto* (Cf. RICOEUR, P. *Escritos e Conferências 2 – hermenêutica*, São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 15-35).

O lugar do texto que traduzimos, *Discurso Filosófica e Existência em Paul Ricoeur*

Em *Discurso filosófico e existência em Ricoeur: filosofar após Kierkegaard*, Domenico Jervolino identifica o pensamento filosófico de Paul Ricoeur como um exercício reflexivo da concretude existencial, que se guarda da tentação de autossuficiência, se nutrindo sempre da não-filosofia. Para analisar esta tensão germinal, entre *filosofia* e *não-filosofia*, de todo percurso filosófico de Ricoeur, Jervolino nos convida a reler um dos textos do filósofo francês dedicado ao pensamento de Kierkegaard, *Como filosofar após Kierkegaard?*. Após afastar interpretações que são guiadas pelos mistérios da vida de Kierkegaard e o consideram como iniciador de uma era pós-filosófica, Ricoeur, segundo Jervolino, articula sua análise em três etapas:

- 1) Identifica em Kierkegaard aspectos de um gênio estético-religioso, indicando os elementos não-filosóficos que compõem a sua obra, os quais não somos capazes nem de refutar, nem de racionalizar.
- 2) Identifica em Kierkegaard, agora enquanto filósofo, mascarado em seus pseudônimos, seu confronto com os aspectos não-filosóficos de sua própria obra.
- 3) Confronta Kierkegaard com Hegel, mostrando o quanto o filósofo dinamarquês enriquece o sistema pensado pelo filósofo alemão.

A partir deste caminho, Jervolino encontra uma chave de leitura para compreender a defesa que Ricoeur faz de um Kierkegaard que opera dentro do sistema hegeliano, nos levando a ler de uma maneira drástica a oposição entre *racionalismo* e *existencialismo*. Não há afastamento entre o racional e o existencial, entre o pensamento e a existência, um polo se nutre do outro, eles se sustentam reciprocamente; a oposição entre estes dois polos é o ponto de arranque daquilo que Ricoeur chama filosofia. Jervolino nos chama atenção que esta tensão, entre filosofia e não-filosofia, diz mais sobre a originalidade filosófica de Ricoeur do que a de Kierkegaard, uma vez que, ao contrário do filósofo dinamarquês, o filósofo francês não se cansa de trazer o alimento que provê uma reflexão existencial ao sistema. Sendo assim, há uma dimensão profunda que devemos nos atentar no debate filosófico sobre o pensamento ricoeuriano, a saber, a tensão que existe entre o discurso filosófico e seu outro, sobre o paradigma da tradução.

Neste sentido, podemos dizer que em *Discurso Filosófico e Existência em Ricoeur: Filosofar após Kierkegaard*, Domenico Jervolino aponta para o quanto em Ricoeur a filosofia não é autossuficiente, tendo como nutrição a não-filosofia. Além disso, quando vemos esta questão sob o horizonte existencial, em especial, aquele deixado por Kierkegaard, percebemos que postular uma filosofia com pressupostos é postular uma filosofia viva, que se confronta com a concretude da existência, incluindo suas dores e culpas. Jervolino nos faz notar que ao acolher o outro, a filosofia hermenêutica de Ricoeur, por consequência, acolhe a existência, acolhe, ao seu modo, a vida.

Ora, se, em outro contexto, Japiassu identifica na filosofia de Ricoeur um pensamento reflexivo capaz de romper qualquer idealismo e que se faz a partir da ressignificação do pensamento dos outros. Domenico Jervolino, por sua vez, percebe que é na tensão da filosofia com seu outro que se encontra uma das principais raízes do pensamento filosófico existencial de Ricoeur. Sendo assim, por diferentes caminhos, ambos os filósofos, tanto o brasileiro, quanto o italiano, se encontram em um só lugar, na originalidade filosófica ricoeuriana enquanto acolhimento do outro, do estrangeiro, da não-filosofia. Cremos que é no ponto de intersecção destas duas interpretações que está uma das maiores contribuições do texto que traduzimos, a saber, a posição de que a necessidade do acolhimento do outro pela filosofia em Paul Ricoeur é a necessidade do acolhimento da concretude da existência, com suas dores e alegrias. Como podemos notar, *Discurso Filosófico e Existência em Ricoeur: Filosofar após Kierkegaard* pode ser um valioso instrumento para reflexão da obra ricoeuriana e, em especial, para aprofundar as pesquisas da tradição de estudos em Ricoeur aqui no Brasil, que tem Hilton Japiassu como um dos seus grandes nomes.

Referências

- DOSSE, F. *Paul Ricoeur: Os sentidos de uma vida (1913-2005)*. Tradução de Roberto Roque Lauxen; Gonçalo Marcelo, et al. São Paulo: LiberArs, 2017.
- GAGNEBIN, J. M. Sobre a recepção da filosofia de Paul Ricoeur no Brasil. In: GONÇALO, M., et al. *Ricoeuriana 1: a atualidade de Paul Ricoeur numa perspectiva Ibero-Americana*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 229-236. Disponível em: <<<http://hdl.handle.net/10316.2/43630>>>.

- JAPIASSU, H. Apresentação. In: RICOEUR, P. *Interpretação e Ideologias*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 1-13.
- JERVOLINO, D. *The Cogito and The Hermeneutics: The Question of the Subject in Ricoeur*. Tradução de Gordon Poole. Londres: Kluwer Academic Publishers, 1990.
- _____. *La Question de l'unité de l'oeuvre de Ricoeur à la Lumière de ses Derniers Développements: Le paradigme de la traduction*. Archives de Philosophie, Paris, v. 67, n. 4, p. 659-668, 2004. Disponível em: <<<https://www.cairn.info/revue-archives-de-philosophie-2004-4-page-659.htm>>>.
- MÖBBS, A. D. S. M. *A Mediação Imperfeita em Paul Ricoeur*. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. 190 p. Disponível em: <<<https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2019/02/a-mediacao-imperfeita.pdf>>>.
- RICOEUR, P. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- _____. Foreword. In: JERVOLINO, D. *The Cogito and The Hermeneutics: The Question of the Subject in Ricoeur*. Tradução de Gordon Poole. Londres: Kluwer Academic Publishers, 1990. p. XI-XIV.
- _____. *O único e o singular*. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. *Escritos e conferências 2: hermenêutica*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. O meu caminho filosófico. In: JERVOLINO, D. *Introdução a Ricoeur*. Tradução de José Bertolini. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. *Sobre a Tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- _____. *O si-mesmo como outro*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.